

A "Era da Incerteza" muda a habilidade e o perfil do profissional

Arlindo Casagrande Filho

A volatilidade no universo empresarial subverteu a lógica do mundo corporativo, redefiniu comportamentos e implantou uma nova ordem no cenário empresarial. O reaquecimento da economia global produziu um círculo virtuoso, impulsionado por uma onda de fusões, aquisições e reestruturações. Os sistemas de gestão sofreram o efeito perecível dessas alterações, ou seja: a novidade de hoje torna-se obsoleta em tempo recorde. Em meio a isso, a administração just-in-time traduz esse movimento incontrolável e lança uma lógica desafiadora nesse cenário cada vez mais disputado: como essas mudanças transformaram a cultura organizacional e como os profissionais se inserem nelas?

A competitividade resiste a uma definição linear. De um modo geral, pode ser definida, para efeito de síntese, pelo ambiente dos negócios, a começar pela segurança jurídica, a estabilidade política e, sobretudo, pela definição de regras claras a demarcar os papéis dos agentes econômicos e as relações entre estado e iniciativa privada. Entre as companhias mais avançadas, um traço distintivo é o processo de gestão, e, também, a sua capacidade de desenvolver recursos exclusivos, isto é: não encontramos à venda no mercado, a exemplo da transparência, comunicação eficaz com seus diferentes públicos e qualidade das equipes de trabalho. Reside nesse ponto o compromisso visceral das instituições.

Vivemos numa espécie da 'era da incerteza'. E por meio dessa contingência surge a grande oportunidade para o colaborador. Nesse momento de reciclagem das atividades, ser eficaz, inovador, empreendedor e criativo tornou-se requisito básico. A novidade é que autonomia e liberdade de ação são dimensões passíveis de conquista. Cabe ao profissional e só a ele a habilidade para transformar visões e idéias em projetos luminosos, viáveis e lucrativos. Cabe ao talento ser o agente de mudança e gestor da sua própria carreira. Cabe a ele também ser um influenciador nos rumos da empresa. O 'board' está ávido e estimula essa participação. Mais que uma necessidade, é uma questão de sobrevivência e diferencial competitivo.

O mercado, na verdade, quer profissional com outras feições. O funcionário cumpridor de tarefas está em desuso. Atualmente, exigem-se duas vertentes com competências latentes. De um lado, um talento multidisciplinar, capaz de compreender o planejamento estratégico, priorizar objetivos, identificar tendências, sempre com visão de longo prazo e disciplina financeira, aliada a uma boa dose de ousadia. Do outro, um colaborador atento com o sistema de Governança Corporativa, orientado para a sustentabilidade, os resultados positivos e a integração harmoniosa da gestão e administração. A combinação desses fatores é tradução de atratividade e empregabilidade no mercado.

Envolver-se com essa nova realidade corporativa, impelida por uma conjunção global, constitui-se em mais um desafio para os gestores. Além disso, envolve a companhia de alto a baixo, cria um ambiente organizacional coeso e motivado, e se amplia o espaço para a participação coletiva e a criatividade. Como consequência, a felicidade no trabalho faz com que as pessoas entreguem o melhor de si no dia-a-dia. Dessa forma, o foco nunca está no problema, mas no caminho coerente e seguro para resolvê-los. Ao fundamentar essas ações nessa visão prática, a companhia torna-se mais determinada a evoluir, crescer, modernizar-se, como resultado do engajamento das pessoas. A velocidade e a instabilidade mundial requerem profissionais cada vez mais inovadores e realizadores a todo instante.

Disponível em: <<http://www.aberje.com.br>>. Acesso em 3 jun. 2008

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.